



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM

BRUNA RODRIGUES DOS SANTOS

PAPO EM COMUM: O YOUTUBE COMO JANELA PARA PAUTAS FEMINISTAS

CAMPINA GRANDE - PB

2021

BRUNA RODRIGUES DOS SANTOS

PAPO EM COMUM: O YOUTUBE COMO JANELA PARA PAUTAS FEMINISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico – Papo em Comum: o YouTube como janela para pautas feministas, apresentado ao Departamento do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Magalhães de Moraes

CAMPINA GRANDE - PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237p Santos, Bruna Rodrigues dos.
Papo em comum [manuscrito] : o Youtube como janela para pautas feministas / Bruna Rodrigues dos Santos. - 2021.
46 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Marina Magalhães de Moraes ,
Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. YouTube. 2. Canal Papo em Comum. 3. Violência
contra a mulher. 4. Feminismo. I. Título

21. ed. CDD 070.4

BRUNA RODRIGUES DOS SANTOS

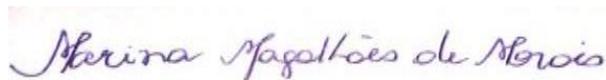
PAPO EM COMUM: YOUTUBE COMO JANELA PARA PAUTAS FEMINISTAS

Trabalho
de Conclusão de Curso – Artigo Científico
– Papo em Comum: o YouTube como
janela para pautas feministas,
apresentado ao Departamento do Curso
de Jornalismo da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Área de concentração:

Aprovada em: 28/ 09/ 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Marina Magalhães de Moraes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Agda Patrícia Pontes de Aquino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Adriana Alves Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Ao meu pai, por todo amor, companheirismo
e compreensão, DEDICO.

“Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima!”

Sojourner Truth (1851)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 -	Análise geral das visualizações do vídeo “Relacionamento abusivo” no YouTube.....	22
Gráfico 2 -	Análise dos espectadores do vídeo “Relacionamento abusivo”.....	22
Imagens 1 e 2 -	Análise do vídeo ao vivo “Violência doméstica na quarentena” no perfil do Instagram @nunesbrunar.....	23
Gráfico 3 -	Análise geral das visualizações do vídeo “Violência doméstica” no YouTube.....	23
Gráfico 4 -	Inserção dos usuários nas redes sociais digitais.....	24
Gráfico 5 -	Feminismo no YouTube.....	25
Gráfico 6 -	Comunicação compreensível.....	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FEMINISMO.....	9
2.1	As ondas do feminismo	12
2.2	Violência contra a mulher e relacionamentos abusivos	14
3	FEMINISMO E REDES SOCIAIS.....	20
4	METODOLOGIA	20
5	ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	21
5.1	O YouTube como janela para pautas feministas.....	24
5.2	Relacionamento abusivo	26
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS	29
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	33

PAPO EM COMUM: YOUTUBE COMO JANELA PARA PAUTAS FEMINISTAS

COMMON TALK: YOUTUBE AS A WINDOW FOR FEMINIST GUIDELINES

Bruna Rodrigues dos Santos¹

RESUMO

A violência contra a mulher é uma problemática que permeia todos os espaços da sociedade. Esse corpo social formou uma identidade feminina, impôs uma postura “ideal” que a mulher deve seguir desde o seu nascimento: obedecer aos homens a qualquer custo, prezar pelo casamento mesmo não estando feliz, cuidar da casa, marido e filhos, renunciar à sua autonomia, entre outros. Esse pensamento discriminatório em relação à mulher, herança de uma sociedade primitiva, ainda persiste em pleno século XXI. Felizmente, as ondas feministas vêm ganhando forças ao longo dos anos, revelando que mulheres não precisam passar por isso e que não devem nenhum tipo de submissão aos homens. É tempo de olharmos para nossa situação: que papel representa a mulher na sociedade? O presente trabalho destina-se a analisar debates que foram gerados a partir dos dois vídeos “Violência doméstica na quarentena”, do quadro Diante Delas, e “Relacionamento abusivo”, do quadro Desconstruindo, ambos episódios do canal Papo em Comum, criado e veiculado na plataforma YouTube em 2020. Para tanto, será feita uma busca bibliográfica sobre a violência doméstica e os relacionamentos abusivos, dois problemas do cotidiano social da mulher, utilizando como referencial teórico autoras como Márcia Tiburi (2018), Simone de Beauvoir (1949) e Mary Del Priore (2020). A partir da revisão bibliográfica, analisaremos a plataforma YouTube como janelas para pautas feministas a fim de avaliar a importância que os cidadãos de Barra de Santa Rosa, que são inscritos no canal Papo em Comum, apresentam acerca dos temas tratados nos dois vídeos. O YouTube é acessado por 95% da população online brasileira ao menos uma vez por mês, segundo o E-Commerce Brasil (2019).² Com isso, a criação de conteúdo nesta plataforma fica cada vez maior. Manuel Castells (2002), Gustavo

¹ Graduanda do Curso de Bacharelado em Jornalismo. E-mail: nunesbruna890@gmail.com.

² Disponível em: <https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/youtube-videos-online/>. Acesso em 17 ago. 2021.

Cardoso (2011) e Raquel Recuero (2009) também contribuem no debate sobre como as plataformas digitais, como o Youtube, podem colaborar na discussão social, no aumento da elaboração e compartilhamento nos quais circulam esses conteúdos informativos. Por fim, essa pesquisa se apresenta como relevante socialmente, pois apesar de a violência contra a mulher ser um uma prática antiga, a preocupação com a superação dessa violência é mais recente. Sendo assim, os resultados da pesquisa mostraram que a maioria dos respondentes concordam com a hipótese do presente trabalho, de que quanto mais se discute o problema através dos meios de comunicação, mais atenção e importância a temática apresenta.

Palavras-chave: YouTube. Papo em Comum. Violência contra a mulher. Feminismo.

ABSTRACT

Violence against women is a problem that permeates all spaces of society. This social body formed a female identity, imposed an "ideal" posture that women should follow from birth: obey men at any cost, cherish a happy unfamiliar marriage, take care of the house, husband and children, renounce their autonomy, among others. This discriminatory thought in relation to women, the result of a primitive society, still persists in the 21st century. Fortunately, the feminist waves have been gaining a window over the years, revealing that women don't have to go through this and that they don't owe men any kind of submission. It is time to look at our situation: what role do women play in society? The present work is intended to analyze the debates that were generated from two videos "Domestic violence in quarantine", from Diante Delas, and "Abusive relationship", from Desconstruindo, both episodes of the Papo em Comum channel, created and published on the YouTube platform of problems in 2020. For this, a bibliographic search will be made on domestic violence and abusive abandonment, two of the social daily life of women, using as theoretical reference authors such as Márcia Tiburi (2018), Simone de Beauvoir (1949) and Mary Del Priore (2020). Based on the literature review, we analyzed the YouTube platform as a window for feminist women in order to assess the importance that the citizens of Barra de Santa Rosa, who are subscribed to the Papo em Comum channel, have on the themes covered in the two videos. YouTube is accessed by 95% of the Brazilian online

population at least once a month, according to E-Commerce Brasil (2019). With that, the creation of content on this platform gets bigger and bigger. Manuel Castells (2002), Gustavo Cardoso (2011) and Raquel Recuero (2009) also contribute to the debate on how digital platforms, such as Youtube, can collaborate in social discussion, increasing the elaboration and sharing in which these informative contents circulate. Finally, this research presents itself as socially relevant, as despite the fact that violence against women is an old practice, the concern with overcoming this violence is more recent. Thus, the survey results are indifferent that most respondents agree with the hypothesis of this work, that the more the problem is discussed through the media, the more attention and importance the theme presents.

Keywords: YouTube. Common Talk. Violence against women. Feminism.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade formou uma identidade feminina, impôs uma postura ideal que a mulher deve seguir desde o seu nascimento: obedecer aos homens a qualquer custo, prezar pelo casamento mesmo não estando feliz, cuidar da casa, marido e filhos, renunciar sua autonomia, entre outros. Esse pensamento discriminatório de uma sociedade primitiva em relação à mulher ainda persiste em pleno século XXI. Com isso, revelou-se ainda mais como as mulheres passam por relacionamentos abusivos e naturalizam essa situação porque, dentro de uma cultura machista, muitas foram criadas para aceitá-la. Felizmente, as ondas feministas vêm ganhando forças ao longo dos anos, revelando que mulheres não precisam passar por isso e não devem nenhum tipo de submissão aos homens.

A violência contra a mulher é uma problemática que permeia todos os espaços da sociedade. É uma constante cultural que continua a crescer, embora sempre tenha sido um assunto levantado pelas mulheres que fazem sua politização defendendo-se da violência que vem dos homens, dentro e fora de casa (TIBURI, 2018). Dessa forma, essas discussões são imprescindíveis, juntamente com o fortalecimento do feminismo enquanto movimento social para que, contribuindo na formação de uma consciência feminista em todas as mulheres e homens, torne possível um cenário sem violência de gênero e mais igualitário.

Ao tratar da violência de gênero e do abuso dentro dos relacionamentos, muitas pessoas ainda enxergam essas situações como “normais”, entendendo que não devem “meter a colher” nas brigas dos outros. Basta pesquisar quantos casos de feminicídio ocorrem no Brasil e no mundo para ter uma noção do quanto precisamos falar sobre essas questões sociais. Dados levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontam que houve um aumento de 22% nos registros de casos de feminicídio no Brasil durante o começo da pandemia do novo coronavírus. Os números correspondem aos meses de março e abril de 2020 e foram comparados com o mesmo período do ano anterior. O número passou de 117, em 2019, para 143 neste ano de 2020.³

Em abril de 2020, período em que já havia quarentena decretada em todos os estados do país, o aumento registrado foi de 37,6% em relação ao mesmo período

³ Disponível em: <https://bitly.com/w9m7td/> Acesso em: 09 ago. 2021

do ano anterior, 2019, segundo o mesmo levantamento. Pensando nisso, podemos refletir e agir de maneira que consigamos ajudar mais mulheres, com orientações de especialistas, levando informação e conteúdo de qualidade para que possa circular em cada casa em que ocorra esse tipo de problema e também nas casas que não ocorrem, porque assim, mais pessoas ficam cientes que podem oferecer ajuda.

Segundo o relatório YouTube *Insights* divulgado em 2019, publicação que reúne dados de algumas das principais categorias do site a fim de oferecer matéria-prima para o planejamento de agências e marcas, o YouTube é acessado por 95% da população online brasileira ao menos uma vez por mês.⁴ Tendo em vista a facilidade com que os vídeos podem ser acessados, as produções de conteúdo que precisam ser discutidas (muitas vezes esquecidas pela grande mídia e em casa) ganham mais esse espaço.

Diante do contexto problematizado, o presente trabalho destina-se a analisar a plataforma YouTube como janelas para pautas feministas, a partir de uma análise dos episódios “Violência doméstica na quarentena”, do quadro Diante Delas, e “Relacionamento abusivo”, do quadro Desconstruindo, ambos episódios do canal Papo em Comum, criado e veiculado na plataforma YouTube. Este canal foi lançado por duas estudantes de Comunicação Social no início da quarentena, em 2020, com o objetivo de discutir pautas sociais e incentivar os cidadãos de Barra de Santa Rosa, cidade localizada no interior da Paraíba, a pensarem e debaterem sobre assuntos da realidade social da mulher.

Assim, aponta-se como objetivo principal deste artigo analisar a relevância social de discussões feministas tendo como ferramenta colaborativa o YouTube. Como objetivos específicos, destaca-se: i) analisar questionários aplicados com os inscritos do canal Papo em Comum a respeito dessa importância, priorizando os inscritos que moram em Barra de Santa Rosa, tendo em vista que nesse município, localizado no interior da Paraíba, essas temáticas são pouco discutidas e consideradas até um tabu; ii) analisar as reações dos munícipes acerca dos temas tratados nos dois vídeos

Para analisar a relevância social de discussões feministas desta pesquisa exploratória, usaremos a abordagem de natureza quali-quantitativa, a partir da coleta

⁴ Disponível em: <https://bitly.com/T1QNuK/>. Acesso em: 09 ago. 2021.

de informações que não busca apenas medir o tema, mas descrevê-lo, usando estudos, impressões e opiniões de teóricos e cidadãos.

Nesse sentido, o artigo parte de uma pesquisa bibliográfica sobre feminismo, violência doméstica e relacionamento abusivo, seguindo para um estudo de caso das opiniões de uma porcentagem dos inscritos do canal Papo em Comum, selecionados a partir de uma enquete digital com o questionamento de quem gostaria de participar da pesquisa. A localização do grupo de pessoas que tiveram suas opiniões estudadas sobre a discussão dos presentes temas se deu através da plataforma *Instagram*, com auxílio da ferramenta "enquete" que a plataforma oferece gratuitamente. Assim que as pessoas foram localizadas e contabilizadas por porcentagem, passou-se à coleta de dados desse mesmo grupo através de formulários específicos gerados através do aplicativo de gerenciamento de pesquisas Google Forms.

Por fim, essa pesquisa se apresenta relevante socialmente, pois apesar de a violência contra a mulher e relacionamento abusivo serem fatos antigos, a preocupação com a superação dessas violências é recente.

2 FEMINISMO

O feminismo é um movimento social que busca construir um mundo em que a igualdade entre os gêneros seja uma realidade. Segundo Simone de Beauvoir (1970), no seu livro *O Segundo Sexo*, as mulheres não desejam colocar seus valores femininos acima dos valores masculinos. Ao contrário do machismo, o feminismo não carrega a intenção de posicionar um gênero acima do outro. O feminismo busca equalização e não predomínio:

(...) Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: entenderam criar um campo de domínio feminino - reinado da vida, da imanência - tão-somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é prova disso. O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes aos mesmos títulos que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade. (BEAUVOIR, 2012, p. 85)

Parte da sociedade ainda enxerga esse movimento de forma extremista e equivocada. O feminismo chega a ser um movimento amado e odiado em

intensidades diferentes. De acordo com Tiburi (2018, p. 25), “o feminismo nos ajuda a melhorar o modo como vemos o outro. O direito de ser quem se é, de expressar livremente a forma de estar e de aparecer e, sobretudo, de se autocompreender é ao que o feminismo nos leva.”

A história nos ajuda a compreender que, contra o retorno da inferioridade da mulher, há o desejo de autonomia e igualdade. A vontade de dizer “sim” em um mundo que diz “não”. “Todo feminismo se define na capacidade de lutar, até a morte se for o caso, por um outro desejo, que nos livre dos sistemas de opressão objetivos e subjetivos aos quais estamos assujeitados.” (TIBURI, 2018, p. 38)

Muitas mulheres do passado se tornaram protagonistas do seu tempo por justamente lutarem contra um sistema opressor: Sojourner Truth, mulher negra feminista, abolicionista e defensora dos direitos das mulheres; Simone de Beauvoir, que produziu uma série de ensaios, livros e romances sobre o papel da mulher na sociedade; Angela Davis, que se destacou como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos e dos Panteras Negras, além de sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos; Chimamanda Ngozi Adichie, para quem a igualdade de gênero diz respeito a todos, homens e mulheres, pois esse é um movimento libertador, entre muitas outras. Cada uma teve um papel importante para que nos dias de hoje as mulheres tenham o direito de falar e de serem ouvidas, quando quiserem. O direito de serem livres e respeitadas. “Quando lutamos por um lugar de fala, lutamos pelo lugar de todos.” (TIBURI, 2018, p. 55)

O feminismo possui diferentes vertentes, cada uma com um entendimento diferente sobre a origem da opressão da mulher e sobre o que precisa ser feito para que isso acabe. Falam sobre os obstáculos no mercado de trabalho, sobre como o patriarcado se solidificou socialmente, como o machismo sustenta essas opressões contra as mulheres e a luta pela igualdade. As três principais vertentes do feminismo, que se tornaram muito importantes em busca de questões imediatas como a violência doméstica e direitos sexuais, são: o feminismo interseccional, o negro e o liberal.

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples

reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009, p. 70).

O feminismo interseccional abraça a luta contra formas de preconceito, dentre eles, aqueles contra as diversidades sexual, de gênero e o racismo. Kimberlé Williams Crenshaw (1989), defensora dos direitos civis e uma das principais estudiosas americanas da teoria crítica da raça, compara a discriminação com o tráfego no cruzamento:

Considere a analogia ao tráfego num cruzamento, indo e vindo nas quatro direções. A discriminação, como o tráfego no cruzamento, pode fluir numa ou noutra direção. Se um acidente acontece no cruzamento, sua causa pode ser os carros viajando de quaisquer direções e, às vezes, de todas elas. De modo similar, se uma mulher negra sofre injúrias por estar numa intersecção, elas podem resultar da discriminação sexual ou racial [...] Mas nem sempre é fácil reconstruir um acidente: às vezes as marcas de derrapagem e as lesões indicam simplesmente que elas ocorreram simultaneamente, frustrando os esforços em determinar qual o motorista responsável (CRENSHAW, 1989, p. 149).

Angela Davis, mulher, negra, intelectual e ativista, foi uma das pioneiras nas discussões sobre a relação entre gênero e raça. A ativista defende que é preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Precisamos refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Concluindo que ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (DAVIS, 1977).

O feminismo negro surgiu da ideia de que outros feminismos não representavam a mulher negra em sua totalidade. Tal feminismo afirma que as mulheres negras lidam com questões relacionadas tanto às mulheres quanto às questões raciais.

Se o Feminismo Negro luta pela erradicação do racismo como estruturante social, ele se funde ao movimento negro. Se o Feminismo Negro aponta as opressões atreladas ao gênero, ele se aglutina a linha de frente do Feminismo dito universal. Então, temos a necessidade de explicitar todas as contribuições do Feminismo Negro, suas proposições e apontamentos para que em um só tempo tenhamos um entendimento profundo dos caminhos da História, bem como dos princípios norteadores de novas ações e posturas que visam a equidade como potencial eliminador das opressões. (BERTH, 2019, p. 41).

A vertente feminista que tem como objetivo promover a igualdade entre homens e mulheres por vias institucionais, de forma gradativa, é o feminismo liberal,

que surgiu na Revolução Francesa, fim do século XVIII, com Mary Wollstonecraft (1792) em seu livro *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*.

Na classe média, para dar continuidade à comparação, os homens na juventude são preparados para as profissões, e o casamento não é considerado o grande feito de sua vida; enquanto as mulheres, ao contrário, não têm outro projeto para aguçar as faculdades. Não são os negócios, longos planos ou quaisquer divagações ambiciosas que ocupam seu tempo; seus pensamentos não são empregados em criar conjecturas tão nobres. Para elevar-se no mundo e ter a liberdade de correr de um prazer a outro, elas devem casar-se vantajosamente, e a esse objetivo seu tempo é sacrificado, e sua pessoa, com frequência, prostituída legalmente. Quando um homem entra em uma profissão, tem em vista alguma vantagem futura (e a mente ganha grande força ao direcionar todos os esforços para um único fim) e, atribulado com os negócios, considera o prazer um simples descanso; já as mulheres procuram o prazer como o principal propósito da existência. De fato, devido à educação que elas recebem da sociedade, o amor pelo prazer, pode-se dizer, domina-as por completo; mas isso prova que as almas têm sexo? (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 86).

Assim, sobre casamento, em que é possível concluir que “ser boa esposa” e ter “amor à família” é o objetivo da vida adulta feminina. O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido por essa homenagem ilusória, que algumas mulheres civilizadas do nosso século anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 25). A autora Marcia Tiburi destaca que as mulheres são convencidas, em sua educação, por meio de uma combinação perversa entre violência e sedução, que a família e o amor valem mais do que tudo, sendo que na verdade o amor de devoção à família serve para amenizar a escravização que elas sofrem por parte daqueles que covardemente se valem de seus privilégios (TIBURI, 2018).

2.1. As ondas do feminismo

Assim como uma onda marítima é formada por um conjunto de fenômenos, podemos pensar as ondas do feminismo de maneira mais orgânica e não como algo que desponta na realidade social e, certo tempo depois, desaparece (ZIRBEL, 2021). As ondas feministas indicam que as lutas e as conquistas passaram e passam por diversas fases no decorrer da história. Sendo assim, atribui-se à primeira onda feminista o período compreendido entre os séculos XVIII e XX, cujo marco reuniu as questões da igualdade entre os gêneros (SANTOS, 2014).

Costuma-se definir como “Primeira Onda” o movimento feminista que, no final do século XIX e início do XX, reivindicava para as mulheres direitos políticos (votar e ser eleita), direito à educação com currículos iguais aos dos homens e direito ao trabalho remunerado com salário igual por trabalho igual (PEDRO, 2013, p. 256).

Cada momento histórico tem suas particularidades. As mulheres que reivindicaram seus direitos na “Primeira Onda” assumiram a consciência de reivindicações pontuais e adentraram neste universo, cujas investidas teóricas e de ação definiam o feminismo como uma forma de enfrentamento das imposições patriarcais (SANTOS, 2014).

Por sua vez, a segunda onda é marcada pela diferença, identificando o problema da desigualdade como a união de problemas culturais e políticos com destaque ao poder masculino e dominação sofrida pelas mulheres (ALIMENA, 2010 apud RAMOS, 2017). Todas as reivindicações feministas daquela época foram pautadas na teoria radical que trata sobre a nossa condição de exploradas por conta das nossas funções reprodutivas e do nosso sexo. Naquele contexto, o silêncio passa a ser rompido pelas mulheres. A mulher passa a ter voz e participação no processo de reconstituição do mundo. Nesta segunda onda, as mulheres negras também iniciam suas manifestações contra o racismo e o sexismo e propõem reformas contra as formas específicas de opressão sofridas. (DAVIS, 2016).

No final dos anos 1960, em muitos países ocidentais como os Estados Unidos, a Inglaterra e a França, surgia uma nova geração de mulheres que não se havia desgastado pelas lutas antifascistas ou anticolonialistas, e que em conjunto, tinha um nível de instrução superior ao das antecessoras, algumas com frequência a universidades. Foi nesse contexto que nasceram os Movimentos de Mulheres (Women Movements) nos Estados Unidos e na Europa (MICHEL, 1982 apud RAMOS, 2017, p. 45-46).

Seguindo o avanço, a terceira onda é lembrada por ser pós-estruturalista, tanto constrói quanto rejeita ideias estabelecidas pelo estruturalismo, e não acredita em significados fixos ou intrínsecos a palavras, símbolos ou instituições, buscando, antes, estudar performances dentro de contingências.⁵ Ao contrário de suas antecessoras da segunda e primeira onda, que lutavam para quebrar estereótipos associados à

⁵ Disponível em: <https://medium.com/gg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>. Acesso em: 15 ago. 2021.

mulher, as feministas da terceira onda se apropriaram dos estereótipos, de condutas e de símbolos de feminilidade, defendendo a liberdade individual.

A terceira onda feminista, a partir dos anos 1980, é marcada pela diversidade. Enquanto na primeira onde houve a criação do “coletivo” de mulheres, aqui a questão que se abre é justamente sobre quem seriam esses sujeitos do feminismo. Reconhece-se que as mulheres, antes de formarem conjunto uno e homogêneo, são atravessadas por questões de classe, raça, região, dentre outras que as diferenciam, e que por vezes as impedem de se identificar com a categoria “mulheres” (RAMOS, 2017, p. 52).

Com isso, é importante mencionar a importância do diálogo entre todas as possíveis situações enfrentadas por mulheres, levando em consideração não só raça/etnia, classe e sexualidade, mas também nacionalidade, idade e religião. A ideia é fazer o exercício de se colocar no lugar da outra para tentar melhor perceber suas demandas, suas necessidades e seus pontos de vista. Isso é sororidade, um movimento importante para desconstruir a rivalidade que foi colocada para as mulheres. De acordo com Tiburi (2018), o feminismo ajuda a ver que as mulheres são todas irmãs e que essa posição está no âmago da vida das mulheres.

Há ainda quem aponte a existência de uma quarta onda do feminismo. Chamada de “ciberfeminismo” por Ana Claudia Felgueiras (2017), a autora destaca que essa quarta onda é formada por jovens militantes que foram criadas já na era digital e que compreendem o alcance desta ferramenta de comunicação e sabem muito bem como utilizá-la.

As novas tecnologias de comunicação redimensionaram os movimentos sociais, tanto em relação às formas de organização, quanto à acessibilidade. Para o feminismo, o mundo digital possibilitou a expansão e o acesso quase ilimitado ao seu discurso, empoderando ainda mais mulheres, permitindo um novo lugar de fala. (TOLEDO, 2017, p. 05)

A diminuição de fronteiras entre os movimentos sociais possibilita uma adesão maior, já que o diálogo é intensificado através dos meios de comunicação digitais atingindo vários países. Essa expansão da internet e o que ela oportuniza parte do que se chama aqui de quarta onda.

2.2 Violência contra a mulher e relacionamentos abusivos

Muitas mulheres que se sentem naturalmente parte do patriarcado ajudam a confirmar a ordem vigente e a tendência dominante machista, porque aproveitam alguma coisa do sistema de privilégios (TIBURI, 2018). Porém, muitas mulheres ainda vivem enraizadas, com medo do que outras pessoas podem falar, dependendo das suas atitudes como “dona do lar”. “Seguindo esse tipo de pensamento, muitas mulheres acabam caindo em relacionamentos abusivos, simplesmente pelo medo de estarem sozinhas e serem julgadas pela sociedade.” (FANUCCI, 2018, p. 206).

A agressão física, entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher, não é a única forma de violência contra as mulheres. Segundo o Instituto Maria da Penha (IMP) há a violência psicológica, sexual, moral e patrimonial. A primeira, psicológica, é considerada qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões. A sexual trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força. A violência moral é considerada qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria, enquanto a violência patrimonial é entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.⁶

As violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente. Certamente, se pode afirmar o mesmo da moral. O que se mostra de difícil utilização é o conceito de violência como uma ruptura de diferentes tipos de integridade: física, sexual, emocional, moral, Sobretudo em se tratando de violência de gênero, e mais especificamente intrafamiliar e doméstica, são muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos. (SAFFIOTI, 2015, p. 79-80).

Todas elas são consequências de um relacionamento abusivo. Entretanto, uma parcela das vítimas não consegue identificar que está vivendo esse tipo de relação com seu companheiro.⁷

⁶ Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: 17 ago. 2021.

⁷ Disponível em: <https://saude.abril.com.br/bem-estar/o-que-e-um-relacionamento-abusivo-livro-sinais-a-identificar-sinais/>. Acesso em: 15 ago. 2021

No dia que for possível à mulher amar em sua força e não em sua fraqueza, não para fugir de si mesma, mas para se encontrar, não para se renunciar, mas para se afirmar, nesse dia o amor tornar-se-á para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal. (BEAUVOIR, 1967, p. 437).

Algumas mulheres sofrem em um relacionamento abusivo por medo de julgamentos. Não saem da situação por causa dos filhos, mas também, por medo de serem espancadas e até assassinadas caso decidam escolher a separação. A violência doméstica é um fenômeno que não distingue classe social, raça, etnia, religião, orientação sexual, idade e grau de escolaridade. Todos os dias, somos impactados por notícias de mulheres que foram assassinadas por seus companheiros ou ex-parceiros.

O anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) mostra que, em 2019, houve 3.730 homicídios de mulheres no Brasil, 3,5% menos do que em 2018. No entanto, isso representa uma média de dez mortes violentas por dia de mulheres. O ano de 2019 terminou com 1.326 feminicídios, 1,2% mais do que no ano anterior.⁸ Na maioria desses casos, elas já vinham sofrendo diversos tipos de violência há algum tempo, mas a situação só chega ao conhecimento de outras pessoas quando as agressões crescem a ponto de culminar no feminicídio.⁹

A violência é um fenômeno extremamente complexo que afunda suas raízes na interação de muitos fatores biológicos, sociais, culturais, econômicos e políticos cuja definição não pode ter exatidão científica, já que é uma questão de apreciação. A noção do que são comportamentos aceitáveis e inaceitáveis, ou do que constitui um dano, está influenciada pela cultura e submetida a uma contínua revisão à medida que os valores e as normas sociais evoluem (LIMA, 2013, p. 54).

Feminicídio é o assassinato de uma mulher pelo simples fato de ser mulher. Os motivos mais comuns são o ódio, o desprezo ou o sentimento de perda do controle e da propriedade sobre as mulheres, comuns em sociedades marcadas pela associação de papéis discriminatórios ao feminino, como é o caso brasileiro.¹⁰ Para Enrico Ferri (2019) a paixão não leva um homem ao delito, em grande parte dos delitos passionais ela entra como impulso, manifesto ou íntimo e profundo, de toda a

⁸ Disponível em: <https://bitly.com/ldnyD2/>. Acesso em 17 ago. 2021

⁹ Disponível em: <https://bitly.com/r8cIPI/>. Acesso em 15 ago. 2021

¹⁰ Disponível em: <https://bitly.com/PdQhSb/>. Acesso em 15 ago. 2021

estrutura orgânica ou psíquica, mas, defende o autor, que não basta para fazer de um homem um delinquente, assim como a loucura. Do contrário, todos os alienados mentais seriam criminosos.

Números inéditos da pesquisa realizada em 2021 pela Inteligência em Pesquisa e Consultoria (IPEC) revelam que 15% das brasileiras com 16 anos ou mais relataram ter experimentado algum tipo de violência psicológica, física ou sexual perpetrada por parentes ou companheiro/ex-companheiro íntimo durante a pandemia, o equivalente a 13,4 milhões de brasileiras. Isso significa dizer que, a cada minuto de 2020, 25 mulheres foram ofendidas, agredidas física e/ou sexualmente ou ameaçadas no Brasil. Para chegar a este número, o IPEC entrevistou 2002 pessoas no período de 19 a 23 de fevereiro deste ano, 2021, que responderam perguntas sobre saúde, alimentação, emprego, atividades domésticas e violência no período da pandemia.¹¹

No Brasil, durante a pandemia do novo Coronavírus (2021), as mulheres permanecem confinadas com seus agressores, com dificuldade em pedir ajuda pelo celular, sem poder sair de casa e, além disso, muitas vezes em condições precárias e desempregadas. O levantamento do IPEC ainda mostra que 6% das mulheres brasileiras relataram ter sofrido agressão física por parte de seu namorado, companheiro ou ex, o que equivale a 5,3 milhões de mulheres de 16 anos ou mais. Essa vulnerabilidade se torna ainda mais acentuada quando verificamos que o percentual é maior entre mulheres de 35 a 44 anos (8%), pretas e pardas (7%) e com apenas o ensino fundamental (11%). Os números são compatíveis com o perfil das vítimas de feminicídio no país, que atinge majoritariamente mulheres entre 30 e 44 anos (41,4% das vítimas) e com baixa escolaridade, conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.¹² Cerca de 3% das mulheres brasileiras relataram ter vivenciado assédio sexual por parte de parente, companheiro ou ex-companheiro, percentual que chega a 5% entre as mulheres de 16 a 24 anos.¹³

Reconhecendo que a violência contra as mulheres constitui uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, que conduziram ao domínio e à discriminação das mulheres por parte dos homens e impediram o progresso pleno das mulheres, e que a violência contra as mulheres constitui um dos mecanismos sociais fundamentais através dos quais as mulheres são forçadas a assumir uma posição de subordinação em relação aos homens. (ONU, 1995, p. 1)

¹¹Disponível em: <https://bitly.com/fly4Kv/>. Acesso em: 15 ago. 2021

¹²Disponível em: <https://bitly.com/PU5VXf/>. Acesso em 15 ago. 2021

¹³Disponível em: <https://bitly.com/fly4Kv/>. Acesso em: 15 ago. 2021

A subordinação não ocorre apenas em relacionamentos amorosos como namoro e casamento. Essa diferença entre homens e mulheres sempre foi hierarquizada.

Vale ressaltar que a noção de violência contra as mulheres nem sempre foi compreendida da mesma forma, ou seja, como algo negativo, como um problema social. A violência era naturalmente aceita já que a mulher era considerada um ser inferior, que tinha obrigações, devia obediência e servidão ao homem e ao casamento. Inclusive essa visão era respaldada pelos médicos da época: “por ter ossos, cartilagens, ligamentos e fibra mais frágeis, a mãe apenas carregava o ovo com que o sexo fêmeo concorre para a propagação, assim como sucede com os ovíparos”. (DEL PRIORI, 2013. p. 114).

O machismo estrutural se fortalece em nosso dia a dia através da cultura do patriarcado, sob formas que são reduzidas pela religião, pelas piadas, pela suposta descontração, justificada pela “natureza biológica” masculina, que faz com que os homens tenham as desculpas suficientes para justificar atos machistas, tornando assim o combate ainda mais difícil. “A prova de que os gêneros masculino e feminino são construções sociais está na própria escola, que já chegou a separar meninos e meninas em salas distintas, contribuindo para fabricar sujeitos diferentes”. (MISKOLCI, 2005, p.14).

Alguns obstáculos foram ultrapassados, principalmente após a criação da Lei Maria da Penha (Lei 11340/06 | Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006).

A Lei Maria da Penha representou um avanço simbólico, discursivo e político, pois evidenciou uma realidade que há muito cingia-se ao ambiente doméstico. A tutela conferida pela lei à integridade física e sexual, à liberdade e à dignidade da mulher é um legado inestimável para a luta contra a violência de gênero. Contudo, passados alguns anos de sua vigência, entendeu-se que ainda havia um vácuo tangente à proteção de bens de maior relevância, dentre os quais a vida das mulheres, que não obstante representem a maior parte da população brasileira, ainda se sujeitam a uma vulnerabilidade histórica axiomática. (PORTO, 2016, p. 15).

Lutar contra as desigualdades e comportamentos misóginos ainda está na pauta dos movimentos feministas. A Lei Maria da Penha atua para a redução das desigualdades de gênero, isso porque, as questões das violências estão sobrepostas nas relações de gênero, na qual se instituem de modo hierárquico e pressupõem relações de dominação e submissão (POGGIO, 2012).

3 FEMINISMO E REDES SOCIAIS

Redes sociais na internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões (RECUERO, 2009). Neste sentido, o ator social que usa o YouTube enquanto circulador de informações é capaz de defender e gerar opiniões que podem influenciar quem assiste. Isso é importante quando o conteúdo trata, principalmente, sobre discussões sociais, gerando conteúdo de valor.

Estamos diante de uma significativa transformação do modelo de comunicação de massas, graças ao uso dos computadores como meio de difusão de um novo tipo de informação. Segundo Pierre Lévy (1999), por trás das técnicas, os autores sociais que criam conteúdos possuem estratégias que podem ser vistas por diversas interpretações.

Por trás das técnicas agem e reagem idéias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade. Portanto, qualquer atribuição de um sentido único à técnica só pode ser dúbia. (LÉVY, 1999, p. 26)

Pode-se relacionar tais afirmações de Lévy com a análise de Manuel Castells (2002), quando este último diz que cada indivíduo monta sua rede, seu canal, perfil, de acordo com seus interesses. Atualmente, há perfis de diversos profissionais nas plataformas digitais, cada um tratando sobre seus interesses. São eles criadores de conteúdo audiovisual para o YouTube, escritores em blogs, Instagram, Facebook, Twitter, *digital Influencers*¹⁴ produzindo conteúdo com sua imagem no Instagram para vender produtos, entre outros. O que ocorre, segundo Castells (2002), é que indivíduos montam suas redes, on-line e off-line, com base em seus interesses, valores, afinidades e projetos. Para o autor, o individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados.

De fato, a mudança social envolve uma ação individual e/ou coletiva que é, em sua essência, emocionalmente motivada (...). Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudança coletiva, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo (CASTELLS, 2013, p. 158).

A plataformização é modulação sociotécnica que as plataformas digitais exercem sobre os ecossistemas de software. Implica efeitos socioculturais de alcance

¹⁴ Um *influencer* digital é alguém capaz de influenciar pessoas através da sua produção de conteúdo nas redes sociais.

organizacional, regional ou global (ITFC, 2017). As redes sociais e os diversos tipos de comunidades, na Internet ou não, podem contribuir com novas formas de ver, perceber e de entender o mundo. Massimo Di Felice (2010) explica que nos contextos digitais contemporâneos, o ato de comunicar acontece em boa parte através de meios e extensões sem as quais não seria possível desenvolver a maioria das nossas práticas comunicativas cotidianas.

A tomada tecnológica da palavra e a pluralização do acesso a estas culturas geraram uma multiplicação de narrativas, de estéticas antropológicas que, longe de acabar com a antropologia, contribuíram para torná-la algo de diferente (DI FELICE, 2010, p. 91).

Por meio de interações de novas tendências tecnológicas, as possibilidades de criação de laços sociais crescem cada vez mais. Essa característica de inclusão e de participação generalizada deve ser entendida como um dos espíritos fundadores da ação comunicativa, como sugere Di Felice (2010).

A plataforma YouTube é um dos exemplos desse campo de ação, na qual são discutidos diversos assuntos, como música, gastronomia, moda e beleza, futebol, pautas sociais. O Youtube foi criado por três jovens: Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim em 2005. Em novembro de 2006, foi comprado pela Google por US\$1.65 bilhões. Segundo a *Provokers*¹⁵, em 2019 houve um aumento de 70% no tempo de visualização de vídeos em comparação a 2018. Outro estudo, da E-commerce, 80% dos entrevistados afirmam procurar online conteúdos que não encontram na TV.¹⁶ Analisando esses dados, percebe-se que o YouTube é uma plataforma acessada por uma grande parcela da população brasileira, com mais de 2,3 bilhões de usuários ativos e mais de 1 bilhão de horas de vídeos visualizados diariamente.¹⁷ Logo, pode ser considerada uma janela importante para discussões sociais.

O momento de sucesso chegou em outubro de 2006, quando o Google pagou 1,65 bilhão de dólares pelo YouTube. Em novembro de 2007, ele já era o site de entretenimento mais popular do Reino Unido, com o site da BBC ficando em segundo lugar. No começo de 2008, de acordo com vários serviços de medição de acessos, já figurava de maneira consistente entre os dez sites mais visitados do mundo. Em abril de 2008, já hospedava algo em torno de 85 milhões de vídeos, um número que representa um aumento dez vezes maior em comparação ao ano anterior e que continua a crescer

¹⁵ Disponível em: <https://provokersite.com/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

¹⁶ Disponível em: ecommercebrasil.com.br/noticias/youtube-videos-online/. Acesso em: 19 ago. 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

exponencialmente. A comScore, empresa de pesquisa de mercado da internet, divulgou que o serviço respondia por 37% de todos os vídeos assistidos nos Estados Unidos. Como uma comunidade de conteúdo gerado por usuários, seu tamanho gigantesco e sua popularidade entre as massas eram sem precedentes. (BUGESS; GREEN, 2009, p. 18).

Leo Lowental (1967) considera que a verdadeira comunicação comporta uma comunhão, um compartilhamento de experiências interiores. Sendo assim, na atualidade, o feminismo ganha ainda mais força com a ajuda da internet, permitindo a propagação com mais facilidade de conceitos, discursos, debates e histórias por aqueles que defendem o movimento.

Partindo da quarta onda feminista, com essa migração dos movimentos sociais para a internet, as ferramentas digitais seguem reformulando a maneira como as instituições e as pessoas se relacionam entre si. As redes sociais digitais permitem uma relação ainda mais ampla entre movimentos sociais com usuários de todo o mundo. Para Castells (2012), o movimento ou demanda social na internet torna-se funcional somente a partir do momento que o âmbito online da questão dialoga com o off-line. Destacam-se, a seguir, alguns deles.

O movimento Marcha das Vadias, com o nome original de “SlutWalk” surgiu em 2011, em Toronto, no Canadá, e ganhou proporção com a internet em resposta ao comentário de um policial representante de polícia da cidade de Toronto que disse que para se evitar estupros, as mulheres deveriam parar de se vestir como *sluts* (traduzido para “vadias”, em português). A partir daí cresce a manifestação em prol do direito das mulheres usarem as roupas e se comportarem da forma que quiserem. Desde então o movimento se internacionalizou, provocando protestos e ações em diversas partes do mundo.

Isso mostra como a internet, assimilada com meios de divulgação, desempenha um papel de grande relevância para o meio social, pois permite uma visualização prática promovendo a comunicação entre um grande número de pessoas.

Um clipe que se espalha para as massas através dos mecanismos do boca a boca digital, sem mudanças significativas. [...] Estes vídeos são caracterizados como virais porque se espalham rapidamente de pessoa a pessoa como uma epidemia (SHIFMAN, 2012, p. 191).

Entre os movimentos feministas que utilizaram a popularização da internet de forma massiva, tivemos também a repercussão da hashtag

#EuNãoMereçoSerEstuprada¹⁸, que ocorreu no começo do ano de 2014. O protesto se deu após o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)¹⁹ divulgar o resultado da pesquisa que indicou que para 65% dos brasileiros, a mulher de roupa curta merece ser atacada. Em tempos de redes sociais, a revolta diante de um panorama tão assustador virou a hashtag que dá nome à campanha. Uma jornalista feminista divulgou uma foto estando seminua com a hashtag #EuNãoMereçoSerEstuprada. A foto viralizou sendo compartilhada por milhares de pessoas que aderiram à campanha. Cerca de uma semana depois, o IPEA²⁰ divulgou nota para informar que havia se confundido com os dados e que o resultado divulgado estava errado: o certo era 26% e não 65% os que apoiavam os “ataques” a mulheres.

É evidente que as formas de se relacionar estão mudando. Hoje, as pessoas passam mais tempo conectadas. Por isso, quanto mais pessoas mostrarem a importância desses movimentos e ficarem à frente das campanhas e lutas em que as demandas e reivindicações estejam centradas nas mulheres, - a exemplo do câncer de mama e outras doenças que atingem seus corpos, da violência contra as mulheres, das discriminações no mundo do trabalho, simbólicas e reais, como a salarial, questões sobre o aborto e sexualidade em geral etc. (GOHN, 2013) - mais direitos às mulheres poderão conquistar.

4 METODOLOGIA

Neste sentido, pensando em criar uma linha lógica de trabalho, resolvemos usar a técnica da pesquisa exploratória, que tem por definição, segundo Gil (2007), proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo), podendo envolver levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Para situar o assunto na literatura acadêmica sobre o tema, aprofundamos e utilizamos os autores para uma explanação crítica e científica. Como estamos tratando de um estudo sobre opiniões pessoais, para explorar essas

¹⁸ Disponível em: <https://bityli.com/7jwKtM/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

¹⁹ Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2014/suplementos/area/Humanarum/Comunica%C3%A7%C3%A3o/Feminismo%20na%20internet.pdf/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

²⁰ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

situações da vida real cujos limites não são claramente definidos, o tipo de delineamento adotado foi o estudo de caso (GIL, 2007).

Com vistas a atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, a técnica de coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um formulário com 22 questões fechadas elaboradas pela autora do artigo.

Por ser aplicável aos mais diversos segmentos da população e por possibilitar a obtenção de dados facilmente tabuláveis e quantificáveis, o formulário constitui hoje a técnica mais adequada nas pesquisas de opinião e de mercado (GIL, 2007, p. 119).

Para validação do problema da pesquisa, em primeiro lugar, lançou-se uma enquete na plataforma Instagram, no Stories do perfil do canal Papo em Comum (@papoemcomum) entre os dias 8 e 9 de setembro de 2021, às 12h, horário estratégico em que o algoritmo do Instagram entrega o conteúdo para mais pessoas. O objetivo foi reunir aqueles que gostariam de contribuir com a pesquisa e que naturalmente assistiram aos dois vídeos veiculados no referido canal e de interesse do presente estudo.

Além da estratégia do horário “de pico”, foram gravados três vídeos anteriores à enquete explicando do que a pesquisa se tratava, chamando assim mais atenção para o assunto. “Você gostaria de colaborar com a minha pesquisa do TCC respondendo um formulário simples?” foi a pergunta utilizada na enquete para que as pessoas pudessem interagir. A enquete, em 24h, alcançou 298 visualizações e 142 pessoas interagiram. Das 142 pessoas, 133 pessoas (94%) votaram em “eu topo” e 9 pessoas (6%) votaram em “não topo”. Em seguida, após as 24h, foi enviado o link do formulário elaborado via Google Forms para o direct (um serviço de mensagens em que o usuário pode compartilhar fotos e vídeos de maneira privada no próprio Instagram) de todas as pessoas que responderam a enquete e aceitaram colaborar com a pesquisa.

Durante o processo de análise, trabalhamos com uma pequena amostragem estratificada. O perfil do Instagram Papo em Comum conta atualmente com 757 seguidores, dos quais 133 votaram na enquete concordando em colaborar com a pesquisa, porém, apenas 99 pessoas responderam a enquete enviada. Segundo o autor Antônio Carlos Gil (2007), essa amostragem caracteriza-se pela seleção de uma amostra de cada subgrupo da população considerada, como por exemplo, centrando

em propriedades como sexo, idade ou classe social. Este tipo tem como principal vantagem o fato de assegurar representatividade em relação às propriedades adotadas como critério para a estratificação.

Por fim, após o levantamento de dados calculamos as porcentagens das correlações de todas as respostas recebidas pelos inscritos e procedemos às análises dos resultados a partir da pergunta de partida deste artigo e da revisão bibliográfica desenvolvida.

5 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O Papo em Comum²¹ é um canal brasileiro do YouTube que foi criado no início da pandemia do novo coronavírus, em março de 2020, por duas estudantes de Comunicação Social. A autora do presente artigo, Bruna Rodrigues, de 23 anos, estudante de Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba, e Eduarda Lima, de 23 anos, estudante de Educomunicação pela Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba, residem no município de Barra de Santa Rosa, cidade localizada no interior da Paraíba, com cerca de 15.607 mil habitantes (IBGE, 2021)²². O canal criado por ambas contava com 282 inscritos e 10 vídeos produzidos até a data de análise.

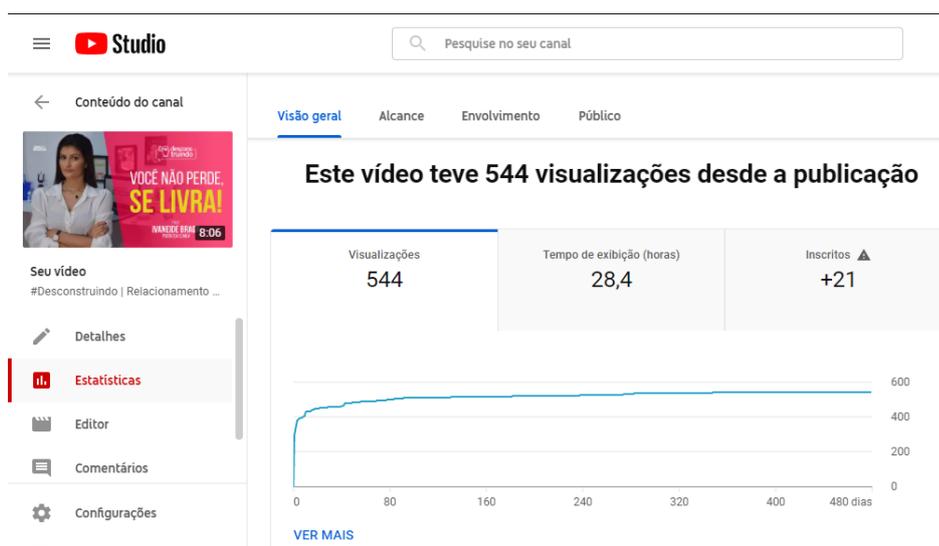
O canal se distingue por produzir vídeos voltados a pautas sociais, entretenimento e costumes do cotidiano dos cidadãos santa rosenses. Cada produção é pensada, analisada e adaptada a fim de se adequar ao público do YouTube, com o objetivo de estimular as discussões acerca, principalmente, dos problemas do cotidiano social da mulher, tendo em vista que pouco ou quase nenhum debate ou palestra sobre essas questões ocorrem no município, seja no âmbito pessoal ou pedagógico. Tal produção independente se destina a agradar ou afetar o público em geral, a fim de que o conteúdo vire pauta, que chame atenção para os assuntos propostos e cause reflexão e/ou até mudança de comportamento.

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ITIC2WE2B5g>. Acesso em: 22 ago. 2021.

²² Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/barra-de-santa-rosa.html>. Acesso em: 18 set. 2021.

O vídeo mais assistido do canal, “Relacionamento abusivo”, do quadro #Desconstruindo, com duração de 8 minutos e 6 segundos, contava com 544 visualizações, 122 curtidas e 29 comentários até a data de análise. A maior parte do público que assistiu foi o feminino, chegando a 81%, composto por espectadoras com idades entre 18 e 34 anos. Como esperado, o público masculino foi menor, com apenas 19%, espectadores com idades entre 25 e 34 anos.

Gráfico 1: Análise geral das visualizações do vídeo “Relacionamento abusivo” no YouTube



Fonte: YouTube

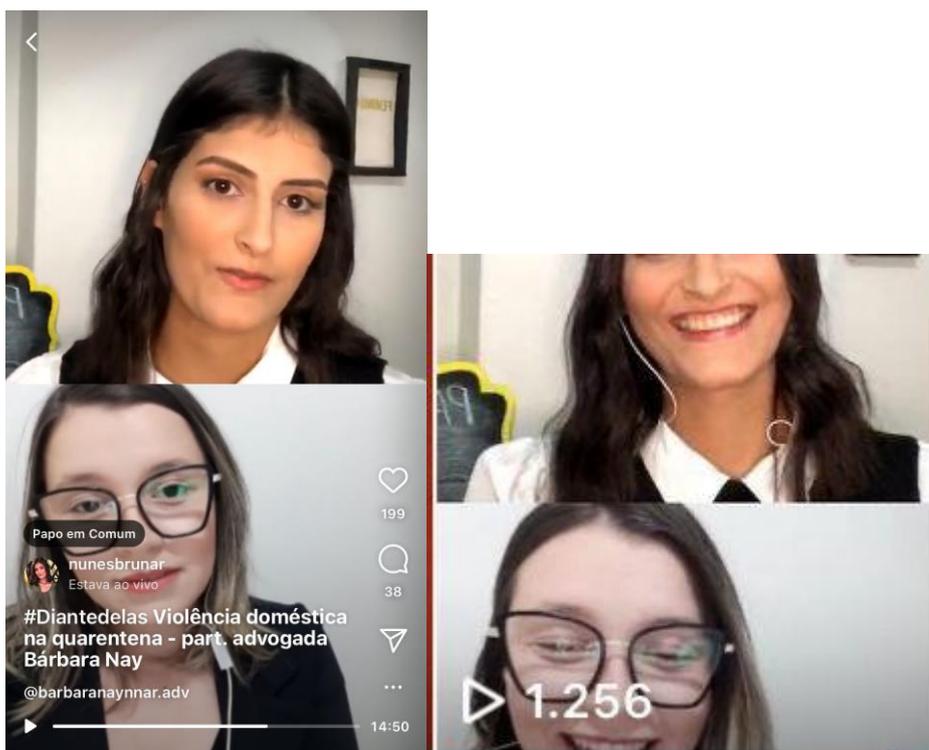
Gráfico 2: Análise dos espectadores do vídeo “Relacionamento abusivo”

Idade do espectador	Visualizações		Tempo de exibição (horas)	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Total	81,0%	19,0%	85,7%	14,3%
13 a 17 anos	–	–	–	–
18 a 24 anos	55,2%	–	55,4%	–
25 a 34 anos	25,9%	19,0%	30,3%	14,3%
35 a 44 anos	–	–	–	–
45 a 54 anos	–	–	–	–
55 a 64 anos	–	–	–	–
A partir de 65 anos	–	–	–	–

Fonte: YouTube

Já o vídeo "Violência doméstica na quarentena"²³, do quadro #DianteDelas, com duração de 49 minutos e 19 segundos, com participação da advogada Bárbara Naynnar, que foi transmitido ao vivo pela plataforma Instagram no canal pessoal da autora deste artigo, contabilizou na exibição ao vivo 1.256 visualizações, 199 curtidas e 38 comentários. Em seguida, o vídeo foi publicado no canal do YouTube, onde contabilizou 109 visualizações e 16 curtidas até a data da análise.

Imagens 1 e 2: Análise do vídeo ao vivo "Violência doméstica na quarentena" no perfil do Instagram @nunesbrunar

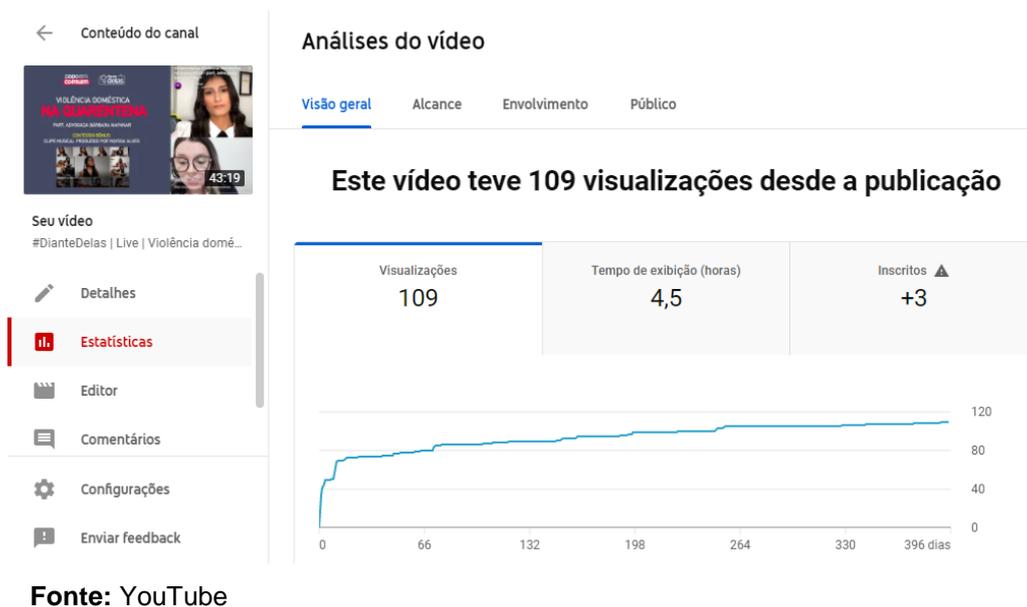


(IMAGEM 1) Fonte: Instagram

(IMAGEM 2) Fonte: Instagram

Gráfico 3: Análise geral das visualizações do vídeo "Violência doméstica" no YouTube

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SR-xf2aGnUE&t=23s>. Acesso em 22 ago. 2021.



Os dois vídeos escolhidos são apresentados pela autora do presente artigo. Eles fomentam a proposta deste trabalho, auxiliando na análise das opiniões dos cidadãos barraenses que acompanham o canal Papo em Comum, sobre os respectivos temas que são tratados nos dois episódios descritos. Depois de abordados conceitos importantes para esta pesquisa, serão apresentados os resultados coletados através do formulário online que esteve disponível entre os dias 8 e 12 de setembro de 2021.

Ao todo, 99 inscritos do canal Papo em Comum, todos cidadãos do município de Barra de Santa Rosa, participaram do formulário. As perguntas iniciais buscaram saber o gênero e a faixa etária dos respondentes, uma vez que tais dados são importantes para alcançar maior conhecimento acerca das características desses usuários, além de possibilitarem comparações mais precisas com os dados coletados para que pudéssemos analisar a partir dos conceitos até aqui estudados.

A maior parte destes respondentes foi do gênero feminino, origem revelada por 84,8% deles - percentual que é justificável, levando em consideração que a maior parte dos espectadores do canal são mulheres. Logo, 15,2 % dos respondentes foram homens.

Em relação à faixa etária, predominaram os mais jovens, que possuem entre 15 e 24 anos, sendo 60,6% do total de colaboradores. Em seguida, 29,3% revelaram ter entre 25 e 34 anos de idade. Foram 6,1% os que apresentaram de 45 a 54 anos de idade. Já 3% informaram estar na faixa de 35 a 44 anos e 1% entre 65 e 74 anos.

5.1 YouTube como janela para pautas feministas

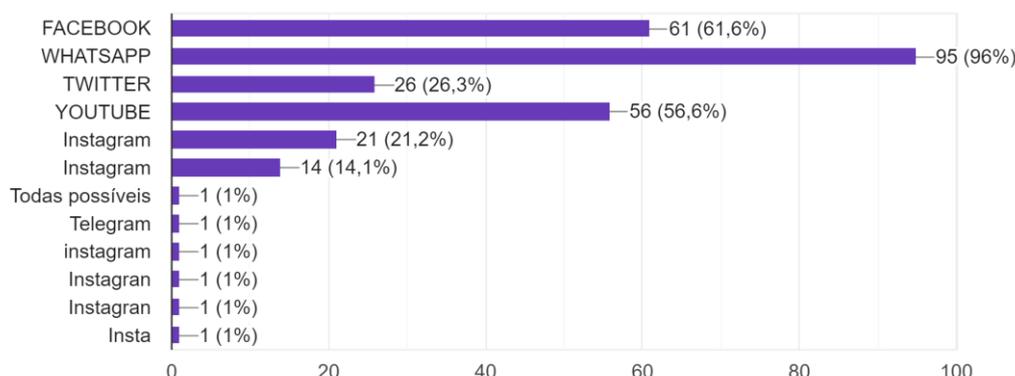
O tema “rede social” está sendo estudado por vários acadêmicos (RECUERO, 2005; NICHOLS et. al., 2006; PINTO, JUNQUEIRA, 2009). Consideramos, então, que a questão seguinte buscasse saber a respeito da participação dos respondentes em redes sociais digitais.

A maioria afirmou ter perfil no WhatsApp, correspondendo a 96% dos usuários. Em seguida, veio o Facebook, com 61,6%, enquanto 56,6% declararam ser usuários do YouTube. Uma porcentagem de 35,34% pessoas afirmaram ser usuárias do Instagram, enquanto em último lugar foi citado o Telegram, com 1%, conforme mostra o Gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4: Inserção dos usuários nas redes sociais digitais

3 - DE QUAIS REDES SOCIAIS DIGITAIS VOCÊ FAZ PARTE?

99 respostas



Fonte: Google Forms

Atendendo a um dos objetivos específicos do artigo, no que se refere à análise das opiniões dos munícipes da cidade de Barra de Santa Rosa acerca das *pautas* feministas apresentadas no canal Papo em Comum, 76,8% afirmaram que acham extremamente importante debater sobre o tema feminismo. Quanto ao debate sobre violência doméstica, a maioria, com uma porcentagem de 93,9%, afirmou que essa é outra pauta de extrema importância.

Sendo assim, partindo da hipótese de que, para que um assunto seja discutido alguém precisa começar a falar sobre ele, o objetivo do canal é levantar questões

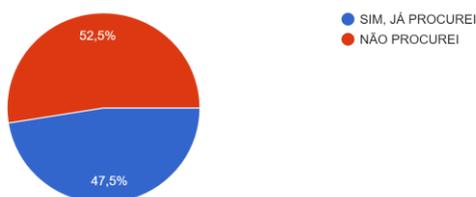
sobre as problemáticas que ocorrem no cotidiano da mulher. As fontes de informações são diversas, mas há forte influência das tecnologias digitais. É interessante notar que muitos jovens estão presentes nas redes sociais digitais, e é levando isso em consideração que uma das questões do formulário os indagava se tinham visto sobre o tema feminismo em suas redes sociais digitais. Optou-se por respostas múltiplas e abertas para avaliar em qual rede tinham consumido esse conteúdo. A maioria, com 66% do total, afirmou que o Instagram era a plataforma em que mais avistaram conteúdos sobre feminismo.

Quando estimuladas a responder espontaneamente sobre suas reações após assistirem aos dois vídeos “Relacionamento abusivo” e “Violência doméstica”, 41,4% das pessoas afirmaram que os vídeos as fizeram refletir sobre os assuntos apresentados. Enquanto isso, 21,2% dos respondentes aprenderam algo que não sabiam, 20,2% afirmaram que estão procurando evoluir após aprenderem algo que não sabiam e 15,2% afirmaram que os vídeos os fizeram prestar mais atenção em suas próprias atitudes para uma possível mudança de comportamento.

A plataforma YouTube é um grande aliado para aqueles que querem produzir conteúdo e expor suas opiniões, gerando debates em torno de diversos assuntos. Dos respondentes que procuraram sobre feminismo na plataforma de compartilhamento de vídeos para se aprofundar no assunto, 52,5% afirmaram que sim.

Gráfico 5: Feminismo no YouTube

21. VOCÊ PROCURA OU JÁ PROCUROU CONTEÚDOS NO YOUTUBE PARA SE APROFUNDAR SOBRE O TEMA DO FEMINISMO?
99 respostas



Fonte: Google Forms

O Papo em Comum iniciou no YouTube com uma grande liberdade e com apoio de amigos próximos. Desde então, a tendência é só atrair inscritos de diversos lugares do mundo. Quando algum usuário pesquisa sobre determinado assunto no YouTube, vários canais e de pessoas distintas são encontrados. No mesmo

segmento, sondamos através de mais uma questão, se os respondentes eram inscritos em mais canais que tratavam sobre o tema feminismo e 55,6% afirmaram que só eram inscritos no canal Papo em comum, 27,3% nunca se inscreveram e 17,2% estavam inscritos em outros canais.

5.2 Relacionamento abusivo

Elaboramos questões específicas procurando abordar o assunto sobre relacionamento abusivo e violência doméstica. Em uma delas, ao questionar sobre suas vivências pessoais, 51,5% participantes afirmaram que não sofreram um relacionamento abusivo, 38,4% responderam que já sofreram e não sabiam que era um relacionamento abusivo e por fim, 10,1% afirmaram que estavam em uma relação abusiva e sabiam.

É importante destacar a porcentagem das pessoas que já sofreram um relacionamento abusivo e não sabiam. Levando em consideração que nem todos os inscritos do canal Papo em Comum participaram do formulário e grande maioria dos que participaram foram mulheres, quantas outras mulheres não deixaram de participar? Quantos homens? Quantas dessas pessoas podem ter sofrido em um relacionamento abusivo ou ainda estão, sem saber que é abusivo? Cada vez mais a discussão em torno dessa pauta se faz necessária.

Ainda assim, entre os respondentes, 91,9% dos usuários afirmaram que já discutiram sobre violência contra mulher em uma roda de conversa, e na questão seguinte, 97% revelaram concordar que essa violência é uma problemática que permeia todos os espaços da sociedade.

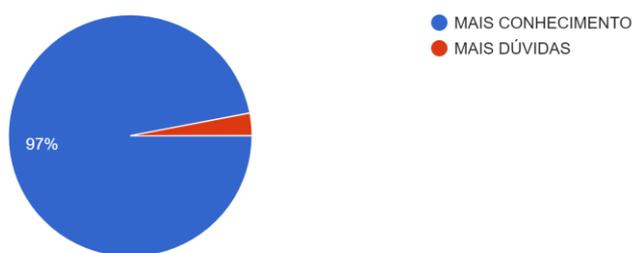
Contudo, alguns participantes do estudo ainda estão presos na ideia de que caso presenciem um caso de violência contra mulher e não conheçam os envolvidos, não irão interferir. Nesta questão, estamos falando de 27,3% dos respondentes, enquanto outros 3% afirmaram que não interferem sendo qualquer pessoa. Já a maioria, com uma porcentagem de 69,7%, afirmou que interferiria na violência sendo a vítima qualquer pessoa, conhecida ou não.

Os conteúdos dos dois vídeos foram compreendidos por 100% dos inscritos respondentes, todos afirmaram que não tiveram dificuldades para compreender alguma informação relacionada à violência doméstica e ao relacionamento abusivo.

Outra informação que vale destacar é o fato de 17,2% dos respondentes afirmarem que não sabiam que feminismo não é o contrário de machismo. Em um município pequeno e com pouquíssimas pessoas, talvez raras, que estimulam o debate sobre o tema, cada atitude que surge para que as pessoas conheçam a verdade sobre esse movimento conta.

Gráfico 6: Comunicação compreensível

18 - SOBRE AS INFORMAÇÕES RELACIONADAS A RELACIONAMENTO ABUSIVO, FEMINISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, O FLUXO INFOR...HE TROUXE CONHECIMENTO OU MAIS DÚVIDAS?
99 respostas



Fonte: Google Forms

Nosso questionário contemplava mais duas perguntas importantes: se a discussão sobre esses problemas do cotidiano da mulher pode fazer com que as pessoas prestem mais atenção ao assunto e se os respondentes acreditavam que o debate sobre relacionamentos abusivos e violência contra a mulher podem ajudar na diminuição do número de casos de violência. No primeiro caso, sobre a atenção, 99% afirmaram que sim. No segundo caso, sobre a diminuição dos casos, 98% afirmaram que acreditam na diminuição a partir de um debate que envolva a sociedade.

Os resultados obtidos nesta pesquisa permitiram analisar os posicionamentos de uma porcentagem dos cidadãos barrenses que são espectadores do canal Papo em Comum acerca dos temas feminismo e relacionamento abusivo. O número de usuários respondentes é bastante expressivo, portanto, é possível afirmar que essa pesquisa se torna relevante socialmente, pois como foi possível ver através da pesquisa quantitativa, a maioria dos usuários concordam que quanto mais pessoas estejam presentes nas redes sociais discutindo pautas feministas, mais atenção e importância as temáticas irão apresentar e mais pessoas irão consumir. É preciso estar presente para atingir um maior alcance.

Os objetivos propostos foram atendidos, contudo, este estudo é apenas o primeiro passo para entender o comportamento dos usuários residentes de uma “cidade pequena” em relação às discussões sobre pautas feministas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema central deste artigo foi a importância das redes sociais digitais como janela para pautas feministas, no âmbito dos munícipes de Barra de Santa Rosa que são inscritos do canal do YouTube “Papo em Comum”. Percebe-se a importância do tema diante da necessidade de discussões sobre os problemas do cotidiano da mulher, sobre o feminismo. O objetivo geral foi analisar a importância de discussões feministas tendo como ferramenta colaborativa o YouTube e, especificamente, pretendeu-se, além de analisar as opiniões dos inscritos, destacar a importância crescente das redes sociais digitais nos movimentos populares, um importante papel na mediação das manifestações.

A título de conclusão, destacamos algumas respostas mais significativas do nosso estudo. Primeiro, verificamos que os jovens são mais presentes nas redes sociais digitais, considerável porcentagem de 96% são usuários do WhatsApp, um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Logo, a instantaneidade com que as mensagens podem ser compartilhadas causam um impacto significativo no compartilhamento de informações. Seja para apoio de causas políticas e movimentos populares ou compartilhamento de notícias falsas, levando em consideração que 17,2% dos respondentes afirmaram que não sabiam a definição da palavra feminismo e acreditavam que a definição deste movimento político, na verdade, seria o contrário de machismo, um comportamento que rejeita a igualdade de condições sociais e direitos entre homens e mulheres. Entretanto, 81,8% dos respondentes afirmaram que sabiam que feminismo não é o contrário de machismo, mas sim, um movimento social que luta contra a violência de gênero e pela igualdade de direito e de condições das mulheres na sociedade.

Ressaltam-se como aspectos negativos os fatores: 133 pessoas concordaram em participar e 9 pessoas não concordaram. 99 pessoas responderam o formulário, tendo como maioria mulheres (84,8%), que acabou limitando as opiniões divergentes. Se mais homens e pessoas que pensam diferente da hipótese do presente trabalho

tivessem aceitado colaborar, a porcentagem poderia ter sido outra. Por este motivo, essas limitações impediram uma sondagem mais completa.

Ressaltam-se como aspectos positivos todos os respondentes afirmaram que não sentiram dificuldades para compreender as informações repassadas nos vídeos do canal Papo em Comum sobre relacionamento abusivo e à violência doméstica; 97% afirmaram que o fluxo informativo lhe trouxeram mais conhecimento e 98% acredita que o debate sobre relacionamentos abusivos e violência contra a mulher pode ajudar na diminuição do número de casos, nos trazendo então as respostas necessárias para os objetivos principais da pesquisa. A comunicação faz a diferença, principalmente nos espaços onde as problemáticas do cotidiano da mulher não são suficientemente discutidas.

Como sugestões de novos estudos, pode-se proceder à comparação dos resultados obtidos nesta pesquisa aos resultados de possíveis novas pesquisas em outros âmbitos – como escolas, Igreja, municípios diversos, entre outros públicos –, promovendo impacto e buscando atenção e discussão sobre o tema feminismo em espaços mais conservadores.

Este tema requer mais pesquisa e investigação. Por ora, a partir do estudo desenvolvido, arriscamos dizer que, ao crescer e se tornar um movimento de grande porte com a ajuda das novas tecnologias, o feminismo vê uma multiplicação de visões divergentes nos mais diversos públicos e redes sociais digitais.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Vol 2: A Experiência Vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo**. Vol 1: Fatos e mitos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BERTH, Joice. **Empoderamento: feminismos plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.
- BILGE, Sirma. “**Théorisations féministes de l’intersectionnalité**”. Diogène, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BUGESS, Jean; GREEN, Joshua. **A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**, Vol. I, A Sociedade em Rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- CRENSHAW, Kimberlé W. “**Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**”. University of Chicago Legal Forum, 1989.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2013.
- ECOMMERCE BRASIL. Consumo de vídeos online já é maior do que o da televisão, diz pesquisa do YouTube. 27 set. 2019. Disponível em: <https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/youtube-videos-online/>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- FERRI, Enrico. **O delito passional na civilização contemporânea**. São Paulo: Servanda Editora, 2009.
- FÓRUM SEGURANÇA. Anuário brasileiro de segurança pública 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf> Acesso em: 15 ago. 2021.
- GELEDÉS. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia – Angela Davis**. 12 de julho de 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em: 11 set. 2021.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/barra-de-santa-rosa.html/>. Acesso em: 18 set. 2021
- IPEA. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em: 31 ago. 2021.
- ITFC. **Background Paper Platform Policies**. [S. I.]: IT for Change, 2017

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** / tradução de Carlos Irineu da Costa. 34ª ed. São Paulo, 1999.

LIMA, Paulo Marco Ferreira. **Violência contra a mulher: o homicídio privilegiado e a violência doméstica**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2013.

LOWENTAL, Leo. Communication and Humanitas. In: F. W. Matson and A. Montagu (orgs.). **The human dialogue: perspectives on communication**. New York: Free Press, 1967.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus; RODRIGUES, Laís Modelli. **Feminismo na internet: o caso do coletivo marcha das vadias e sua página no facebook**. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2014/suplementos/area/Humanarum/Comunica%C3%A7%C3%A3o/Feminismo%20na%20internet.pdf/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

MISKOLCI, Richard. Um Corpo Estranho na Sala de Aula. In: Abramowicz, Anete; Silvério, Valter Roberto (Org.). **Afirmando Diferenças: Montando o Quebra Cabeça da Diversidade da Escola**. 1ª ed. v. 1, Campinas: Papyrus, 2005.

PEDRO, Joana Maria. **Corpo, prazer e trabalho**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. p. 238 -259. São Paulo: Contexto, 2013.

PIAUI. 8M: ONG alerta para imprecisão em dados oficiais de feminicídio 8 mar. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/03/08/ong-alerta-impresisao-dados-mulher/#:~:text=O%20anu%C3%A1rio%20do%20F%C3%B3rum%20Brasileiro,do%20que%20no%20ano%20anterior>. Acesso em 17 ago. 2021.

PIAUI. A cada 15 minutos 25 brasileiras, sofrem violência doméstica. 12 mar. 2021 <https://piaui.folha.uol.com.br/cada-minuto-25-brasileiras-sofrem-violencia-domestica/>. Acesso em 15 ago. 2021.

POGGIO, Inês Soares Nunes. **A construção das relações de gênero**. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org.). **Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. p. 88-101.

PORTO, Pedro Rui da Fontoura. **Feminicídio, Expansão Injustificável ou Resgate de uma Omissão Histórica do Direito Penal?** III Colóquio de Ética, Filosofia e Direito da Universidade de Santa Catarina. 2016.

PROVOKER. <https://provokersite.com/>. Acesso em 19 ago. 2021.

QG FEMINISTA. O que são as ondas do feminismo?. 8 março 2008. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

RAMOS, Ana Luisa Schmidt Ramos. **Dano psíquico como crime de lesão corporal na violência doméstica**. Florianópolis: Empório do Direito, 2017.

RESULTADOS DIGITAIS. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2021. 24 ago. 2021. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

REVISTA CULT. O machismo estrutural do nosso dia a dia. 21 out. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/machismo-estrutural-do-nosso-dia-a-dia/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. **O feminismo na história: suas ondas e desafios epistemológicos**. In: BORGES, Maria de Lourdes; TIBURI, Márcia (Orgs). Filosofia: machismos e feminismos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p. 129-162.

SHIFMAN, Limor. **Humor in the age of digital reproduction: Continuity and change in internet-based comic texts**. International Journal of Communication, v.1, p.187-209. 2007.

TÃO FEMININO. #EuNãoMereçoSerEstuprada ganha repercussão internacional. E você, já aderiu? 31 mar. 2014. Disponível em: <https://www.taofeminino.com.br/sociedade/eunaomerecoserestuprada-ganha-repercussao-internacional-e-voce-ja-aderiu-s361206.html/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TJRJ. O que é a violência doméstica? E o Femicídio? Disponível em: <http://www.tjrj.jus.br/web/guest/observatorio-judicial-violencia-mulher/o-que-e-a-violencia-domestica-e-o-femicidio>. Acesso em: 15 ago. 2021.

TOLEDO, Ana Clara Bicalho. **Me empodera te empoderar**. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social/Jornalismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

VEJA SAÚDE. O que é um relacionamento abusivo? Livro ensina a identificar sinais. 20 ago. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/bem-estar/o-que-e-um-relacionamento-abusivo-livro-ensina-a-identificar-sinais/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A reivindicação dos Direitos da Mulher**. Tradução: Ivania Pocinho Motta. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

ZAHAR, Jorge. **A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

11/09/2021 21:17

YouTube como janela para pautas feministas

YouTube como janela para pautas feministas

Oi, oi! Se você está aqui é porque é inscrito no nosso canal do YouTube "Papo em Comum" e reside em Barra de Santa Rosa – Paraíba.

Desde já agradecemos o seu interesse em colaborar com a nossa pesquisa, que tem objetivo acadêmico. Buscamos coletar dados sobre como o YouTube pode colaborar sendo uma janela para a circulação de pautas feministas, levando em consideração pautas feministas como a violência contra a mulher e os relacionamentos abusivos, entre outras problemáticas que permeiam todos os espaços da sociedade.

Os dados coletados nesta pesquisa serão apresentados em um artigo científico, desenvolvido para a defesa de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

A sua participação será anônima e as respostas ao questionário não devem durar mais de três minutos.

Obrigada pela sua colaboração!

Bruna Rodrigues dos Santos - Aluna do curso de Jornalismo - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Profa. Dra. Marina Magalhães de Moraes - Orientadora do curso de Jornalismo - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Obrigatório

1. 1 - VOCÊ É *

Marcar apenas uma oval.

HOMEM

MULHER

Outro: _____

2. 2 - A SUA FAIXA ETÁRIA *

Marcar apenas uma oval.

15 a 24

25 a 34

35 a 44

45 a 54

55 a 64

65 a 74

75 anos ou mais

3. 3 - DE QUAIS REDES SOCIAIS DIGITAIS VOCÊ FAZ PARTE? *

Marque todas que se aplicam.

FACEBOOK

WHATSAPP

TWITTER

YOUTUBE

Outro: _____

4. 4 - VOCÊ JÁ PASSOU POR UM RELACIONAMENTO ABUSIVO? *

Marcar apenas uma oval.

- SIM, E SABIA QUE ERA ABUSIVO
- SIM, NÃO SABIA QUE ERA ABUSIVO
- NÃO PASSEI

5. 5 - QUE GRAU DE IMPORTÂNCIA VOCÊ DÁ AO DEBATE SOBRE O TEMA DO FEMINISMO? *

Marcar apenas uma oval.

- EXTREMAMENTE IMPORTANTE
- MUITO IMPORTANTE
- IMPORTANTE
- POUCO IMPORTANTE
- SEM IMPORTÂNCIA

6. 6 - QUE GRAU DE IMPORTÂNCIA VOCÊ DÁ AO DEBATE SOBRE O TEMA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER? * *Marcar apenas uma oval.*

- EXTREMAMENTE IMPORTANTE
- MUITO IMPORTANTE
- IMPORTANTE
- POUCO IMPORTANTE
- SEM IMPORTÂNCIA

7. 7 - VOCÊ JÁ DISCUTIU SOBRE FEMINISMO EM ALGUMA RODA DE CONVERSA? *

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

8. 8 - VOCÊ JÁ DISCUTIU SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM ALGUMA RODA DE CONVERSA? *

Marcar apenas uma oval.

SIM

NÃO

9. 9 - VOCÊ JÁ OUVIU FALAR SOBRE FEMINISMO NO ÂMBITO PEDAGÓGICO (AULA, PALESTRA, EVENTO)? *

Marcar apenas uma oval.

SIM, NO ENSINO MÉDIO

SIM, NO ENSINO SUPERIOR

NÃO OUVI

Outro:

10. 10 - APÓS ASSISTIR AOS VÍDEOS “VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA QUARENTA” E “RELACIONAMENTO ABUSIVO” DO CANAL PAPO EM COMUM, AS TEMÁTICAS LHE FIZERAM REFLETIR, MUDAR DE COMPORTAMENTO OU LHE MOSTRARAM ALGO QUE NÃO SABIA? * *Marcar apenas uma oval.*

ME FIZERAM REFLETIR

ME MOSTRARAM ALGO QUE NÃO SABIA

ME FIZERAM PRESTAR MAIS ATENÇÃO NAS ATITUDES E MUDAR MEU COMPORTAMENTO

ME MOSTRARAM ALGO QUE EU NÃO SABIA E AGORA TENTO EVOLUIR

Outro:

11. 11 - VOCÊ CONCORDA QUE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É UMA PROBLEMÁTICA QUE PERMEIA TODOS OS ESPAÇOS DA SOCIEDADE? * *Marcar apenas uma oval.*

SIM

NÃO

12. 12 - SE VOCÊ PRESENCIA UMA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER, VOCÊ... *

Marcar apenas uma oval.

INTERROMPO, SE FOR CONHECIDO

INTERROMPO, SENDO QUALQUER PESSOA

NÃO ME METO, SENDO CONHECIDO OU NÃO

13. 13 - VOCÊ TEM VISTO CONTEÚDOS SOBRE FEMINISMO NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS QUE UTILIZA? *

Marcar apenas uma oval.

NÃO

SE SIM, QUAL REDE? (ESCREVER ABAIXO NA OPÇÃO "OUTROS") Outro:

14. 14 - VOCÊ TEM VISTO CONTEÚDOS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS QUE UTILIZA? * *Marcar apenas uma oval.*

NÃO

SE SIM, QUAL REDE? (ESCREVER ABAIXO NA OPÇÃO "OUTROS") Outro:

15. 15 - VOCÊ SENTIU DIFICULDADE PARA COMPREENDER ALGUMA INFORMAÇÃO

REFERENTE A RELACIONAMENTO ABUSIVO NO VÍDEO DO CANAL PAPO EM COMUM?

*

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

16. 16 - VOCÊ SENTIU DIFICULDADE PARA COMPREENDER ALGUMA INFORMAÇÃO RELACIONADA À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO VÍDEO DO CANAL PAPO EM COMUM? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

17. 17 - VOCÊ SABIA QUE FEMINISMO NÃO É O CONTRÁRIO DE MACHISMO, MAS SIM UM MOVIMENTO SOCIAL QUE LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO E PELA IGUALDADE DE DIREITO E DE CONDIÇÕES DAS MULHERES NA SOCIEDADE? *

Marcar apenas uma oval.

SABIA

NÃO SABIA

NÃO ACREDITO QUE SEJA ISSO

18. 18 - SOBRE AS INFORMAÇÕES RELACIONADAS A RELACIONAMENTO ABUSIVO, FEMINISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, O FLUXO INFORMATIVO LHE TROUXE CONHECIMENTO OU MAIS DÚVIDAS? * *Marcar apenas uma oval.*

MAIS CONHECIMENTO

MAIS DÚVIDAS

19. 19 - VOCÊ ACREDITA QUE A DISCUSSÃO SOBRE ESSES PROBLEMAS DO COTIDIANO DA MULHER PODE FAZER COM QUE AS PESSOAS PRESTEM MAIS ATENÇÃO AO ASSUNTO? * *Marcar apenas uma oval.*

SIM

NÃO

20. 20 . VOCÊ ACREDITA QUE O DEBATE SOBRE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER PODE AJUDAR NA DIMINUIÇÃO DO NÚMERO DE CASOS? *

Marcar apenas uma oval.

SIM

NÃO

21. 21. VOCÊ PROCURA OU JÁ PROCUROU CONTEÚDOS NO YOUTUBE PARA SE APROFUNDAR SOBRE O TEMA DO FEMINISMO? * *Marcar apenas uma oval.*

SIM, JÁ PROCUREI

NÃO PROCUREI

22. 22. VOCÊ É INSCRITO EM ALGUM CANAL DO YOUTUBE QUE SEJA VOLTADO AO TEMA DO FEMINISMO? * *Marcar apenas uma oval.*

NUNCA ME INSCREVI

JÁ ME INSCREVI

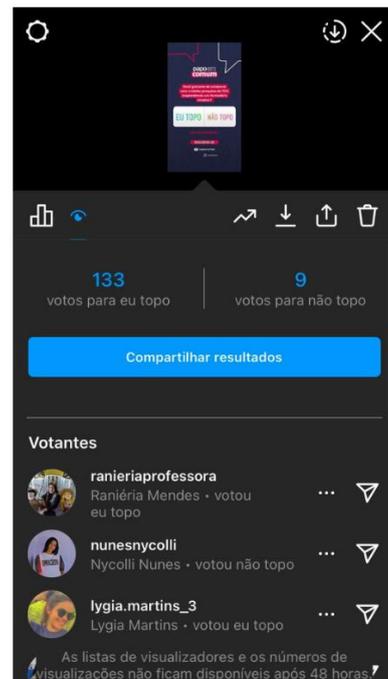
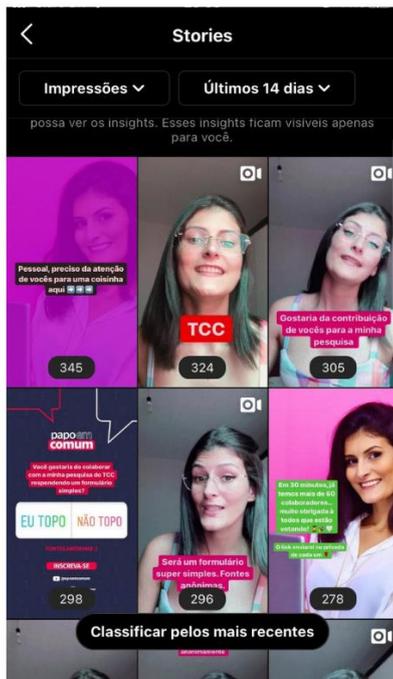
SÓ SOU INSCRITO (A) NO PAPO EM COMUM

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXOS





Fonte: Instagram

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre e fonte de sabedoria que alguém pode conhecer. A minha Doce e Amada Virgem Maria, que me ofereceu seu colo a cada pedido de intercessão.

À minha base mais sólida, meu pai Antônio, por sua presença, incentivo e companheirismo de sempre em todas as minhas decisões. Seus ensinamentos, cuidados e lições de vida estarão para sempre em mim.

À minha família e amigos eu agradeço por serem os meus pilares, pela confiança, incentivo e todas as bases que fizeram de mim quem sou hoje. Não esqueço – é claro – todas as pessoas que não referi, mas que fizeram parte do meu percurso. A todas eu deixo um agradecimento honesto e muito sentido.

À esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior. Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional. A palavra mestre nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais, sem nominar, terão os meus eternos agradecimentos. À minha orientadora Marina Magalhães, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pela sua atenção, disponibilidade, carinho, correções e incentivos.